

Álbum de fotos

Duas e sete da madrugada. O relógio, único analógico que consegui manter em funcionamento, tique-tacava alto no silêncio da noite. A insônia me atingia mais uma vez e, como de costume, dirigi-me à sala de livros em busca de uma leitura tranquilizante. Encontrei, contudo, esquecido atrás de uma série de enciclopédias empoeiradas, um álbum de fotos. Todas estavam organizadas em ordem cronológica e com direito a desenhos, colagens e dedicatórias. Decidi, então, registrar as reflexões que borbulham em minha mente neste exato momento. Escrevo estas páginas com lágrimas de alegria pelo que foi vivido e de saudades daquela época que mais me fez crescer.

Ah, meu caro leitor, poderia me referir a algo além dos tempos de CEFET!?

A primeira imagem do álbum registrava aquele menino de quatorze anos, antes de seu primeiro dia de aula, vestindo uniforme com a marca registrada de um calouro: mangas extremamente azuis. Não havia passado ainda por nenhum teste surpresa, apresentação de seminários ou noites sem dormir. Até então, ir à escola se resumia a andar um quilômetro de carro e voltar logo em seguida para fazer dever de casa.

Não, senhor leitor, o CEFET não seria assim.

Passei a pegar ônibus lotado às seis da manhã para chegar numa escola com um dos ambientes mais plurais que já vivenciei. Alunos e professores de diversos lugares, classes, etnias e com diferentes pontos de vista. As primeiras páginas do álbum continham fotos com meus primeiros grupos de amigos, representando justamente essa pluralidade. Nesse momento de formação de caráter, na adolescência, a exposição a variadas opiniões foi essencial para me trazer uma visão mais ampla e justa do mundo.

Talvez o que apresentei até agora não seja suficiente para convencer-lhe do caráter singular do CEFET, mas chegaremos lá.

Cheguei a me questionar, antes de começar a escrever, se outro colégio me causaria o mesmo impacto. Até que encontrei a fotografia da primeira vez que matei aula com meus amigos para ir ao shopping do bairro. Esse registro fez-me recordar da vasta liberdade que o CEFET nos dava. Eu era acostumado a não poder ir à cantina em certos horários e, de um ano para outro, eu era capaz de sair do colégio sozinho. Porém, como ensino a meus netos com heróis de minha infância, grandes poderes trazem

grandes responsabilidades. Aprender a usar essa liberdade de maneira equilibrada me fez desenvolver um senso singular de responsabilidade e independência

“Mas, ainda, o que há de tão especial nisso?”, bom, querido leitor cético, as fotos vão deixando a resposta cada vez mais clara.

As páginas do meio do álbum contêm diversos momentos importantes e as fotos com meus professores trazem emoção especial ao meu coração. Por mais que nós, alunos, tivéssemos muitas vezes a iniciativa de criar ou nos inscrever em eventos, as fotos com medalhas em premiações de olimpíadas no Auditório I e de terno em modelos diplomáticos pelo bloco D me mostram que havia sempre algum docente nos apoiando.

Mas não, não quero lhe convencer que tudo foi um mar de rosas.

É fato que o CEFET me trouxe “nãos”. Projetos de extensão negados, provas malsucedidas, convites românticos rejeitados e amizades desfeitas. Na época desta foto, encolhido no chão do bosque, após uma prova avassaladora do técnico, parecia que o CEFET tinha implicado comigo. No entanto, ah, como é bom o tempo passar e nos ensinar que o “não” fecha uma porta, mas pode abrir o portão de um hangar.

Agora, amigo leitor, se não estiver sentado, recomendo que o faça. Particularmente, precisei fazer uma pausa após as fotografias dos seguintes momentos.

Antes de entrar no CEFET, ir ao Maracanã era como ganhar um novo mundo. Eu levaria mais de três anos para perceber que o CEFET me faria, de fato, ganhar o mundo. Após uma verba negada, juntei-me a alguns colegas e um professor e, superando todas as expectativas, conseguimos arrecadar os fundos necessários para uma competição de ciências do outro lado do globo. No ano seguinte, desta vez sozinho, ganhei uma bolsa de estudos para um curso de duas semanas em uma das melhores universidades do mundo, podendo conhecer os mais talentosos jovens e cientistas.

Agora, ao som do despertador que deveria me acordar, concluo que seria inviável realizar tudo isso em outro lugar. E, sinceramente, não sei para quem escrevo essas palavras. Talvez seja interessante que eu as releia no futuro, talvez sejam úteis para meus filhos ou netos. Sei que, ao contemplar essas fotos, eu necessitava registrar o que sinto.

Insônia